

A Narrativa Jornalística e a Política: a “Estória” real de um Escândalo Político

Carlos Peres de Figueiredo Sobrinho¹

Resumo: Este estudo propõe uma análise dos modelos narrativos utilizados pelos jornais Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio na produção de notícias veiculadas acerca de um escândalo político ocorrido durante as eleições municipais de 2004 no Recife, envolvendo o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e o Partido dos Trabalhadores (PT) locais e seus respectivos candidatos. Partimos do princípio que as estruturas narrativas utilizadas pelos profissionais do campo jornalístico ao dramatizarem os acontecimentos e transformarem os envolvidos no conflito em personagens vão de encontro ao mito da objetividade sustentado pela ideologia profissional do jornalismo, que enxerga as notícias como um espelho fiel da realidade. O objetivo deste estudo é apontar possíveis conseqüências da narrativa midiática que ao privilegiar a dramatização dos fatos pode desviar a atenção da Opinião Pública para acontecimentos importantes.

Palavras-chave: narrativa, jornalismo, escândalo político.

1. Narrar

Narrar faz parte da experiência humana, e nas sociedades contemporâneas uma das instâncias mais atuantes na mediação entre o ser humano e sua experiência cotidiana são os meios de comunicação de massa. Walter Benjamin (1987) percebeu, nos anos 1930, que as mídias, assentadas na ascendente indústria da informação, vinham tomando o lugar de outras instâncias nesse processo de mediação. O filósofo alemão percebia que a figura do narrador ligado às tradições orais perdia espaço pouco a pouco, com a hegemonia econômica e cultural da burguesia, para outras formas culturais próprias da nova classe dominante como o romance e, em seguida, a imprensa, cujo principal produto era a informação. A pobreza moderna da experiência causada gradativamente com a instauração da indústria cultural era a principal preocupação do teórico Frankfurtiano, celebrado por seu otimismo em relação à potencialidade técnica dos novos meios que surgiam, mas que nesse caso parece seguir o assombro pessimista de teóricos como Adorno e Horkheimer.

Não é novidade que a experiência política no mundo contemporâneo é majoritariamente mediada pelos meios de comunicação de massa, tendo como carro chefe os produtos jornalísticos. Dessa forma, o conhecimento político dos cidadãos é dependente daquilo que é produzido pelas empresas jornalísticas, que produzem um bem público, a informação, mas que para sua sobrevivência precisa se posicionar dentro de um mercado guiado pelas lógicas do lucro e da concorrência. Os jornais precisam,

¹ Jornalista e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/ UFPE).

assim, vender um produto chamado notícia, muitas vezes fazendo uso de apelos estéticos e emocionais, dotando alguns fatos de contornos dramáticos para aumentar a aceitação do produto frente à audiência.

Acontecimentos que apresentam desdobramentos durante um determinado período de tempo são mais propensos a assumirem características narrativas, pois fatos que se encerram na mesma edição do jornal, ou ainda, em poucos dias geralmente ganham uma abordagem expositiva, que é a majoritária no jornalismo, e mesmo mais constante do que a narrativa (LAGE, 2001, p.84). Contudo, Lage toma como objeto de estudo a notícia isolada, e não um assunto agendado durante longo período de tempo como Luiz Gonzaga Motta (MOTTA, 2005) preconiza em seu estudo da narrativa jornalística. Nesses casos, o jornalista deve seguir uma lógica necessária à retenção da atenção e ao acompanhamento dos fatos pelo leitor de forma lógica, apresentando causas, efeitos, intrigas e caracterizando personagens como numa narrativa literária. Schudson, que também defende que a notícia jornalística pode ter aspectos narrativos, salienta que a ênfase em aspectos narrativos do jornalismo parte de uma abordagem cultural das notícias, mais de que de um ponto de vista tecnicista ou puramente do prisma de um produto prodizado, e faz a seguinte observação sobre essa forma de analisar a cobertura jornalística.

A clássica Hard News coloca toda a informação no primeiro parágrafo e não compele muitos leitores a ler até o fim. O fim nunca é uma conclusão moral, mas somente a informação menos importante de toda a informação que caberia no espaço disponível. A clássica “hard news” opera mais para expressar a informação útil eficientemente que construir um mundo partilhado emocionalmente com os leitores. Neste fim da escrita jornalística, o repórter imita uma peça de maquinaria que expressa informação com acurácia. Do outro lado, o repórter parece com um artista literário ou fotográfico, conectando palavras, mas que expressando dados. (SCHUDSON, 2003, p.192)

Entretanto, é preciso diferenciar a narrativa jornalística da ficção. Apesar de os fatos da ficção, da história e do jornalismo poderem ser organizados de forma narrativa, os dois últimos têm como base acontecimentos reais. O contrato de leitura entre o jornal e o leitor requer que os relatos sejam da ordem do real, o que não acontece na literatura. O discurso histórico também é baseado na realidade, contudo há uma diferença: a atualidade, o agora em torno do qual o jornalismo gira. Os profissionais da área aplicam estratégias textuais próprias da escrita jornalística que diferenciam o jornalismo das demais narrativas para buscar o efeito de realidade e atualidade.

A estratégia textual do narrador jornalístico é provocar o “efeito de real”, fazer com que os leitores/ ouvintes interpretem os fatos narrados como verdades, como se os

fatos estivessem falando por si mesmos. Esse efeito de real no jornalismo se obtém com diversos recursos de linguagem e com uma fixação de seu centro no aqui e no agora, no momento presente. O jornalismo observa o mundo desde o atual, ancora seu relato no presente para relatar o passado e antecipar o futuro. Opera uma mediação que é, ao mesmo tempo, lingüística e temporal. (MOTTA, 2005, p.106)

A análise da narrativa jornalística, apesar das diferenças, faz uso da teoria literária usada originalmente para análise de produtos do campo literário, mas de forma crítica, como Motta (2005) sugere, aplicando esse conhecimento dentro do contexto dos padrões do jornalismo com suas especificidades e valores profissionais que definem o campo jornalístico como autônomo. Contudo, apesar das diferenças acreditamos que as narrativas possuem uma estrutura em comum (TODOROV, 2004, p.80), permitindo que os textos jornalísticos possam ser analisados por esse prisma, se respeitadas as devidas particularidades de cada tipo de produção. Os próprios jornalistas resistem a tratar as notícias como “estórias” ou narrativas, pois essa concepção pode ir de encontro à ideologia profissional do campo que toma as notícias como um espelho do real, mesmo que dentro das redações seja comum os profissionais se referirem às pautas como “estórias” e a algumas fontes como “personagens” (TRAQUINA, 2005, p.16 – 17).

2. Narrativas, Jornalismo Político e Drama

Dramatização é um valor-notícia levado em conta no momento da seleção de uma notícia, quando falamos em dramatização estamos falando do reforço dos aspectos mais críticos, do lado emocional, da natureza conflitual dos fatos. (TRAQUINA, 2005, p. 92). A dramatização do produto noticioso é algo comum dentro da abordagem midiática que, atualmente, tem adotado a lógica do entretenimento, principalmente após a importância avassaladora que a televisão ganhou entre os meios de comunicação de massa, fazendo com que outras mídias procurassem se adaptar aos padrões televisivos para manter seu público. Essa dramatização do real atinge mesmo o jornalismo político e econômico, considerados departamentos nobres do jornalismo e vistos como “a quintessência do jornalismo de interesse público” (GOMES, 2004, p.347).

Essa narrativa dramática que enfatiza o potencial de conflito entre os agentes do campo político nos momentos de decisão em detrimento de uma discussão acerca do bem coletivo, tende a centrar seus esforços no jogo político que tem sempre como objetivo a barganha, o poder e as vantagens políticas. As análises costumam se desenvolver em torno das lógicas próprias do funcionamento do campo político, e

difícilmente extrapolam os limites deste, sem agregar à informação o impacto das decisões e movimentações políticas na vida do cidadão comum. A informação invadida pela lógica do entretenimento pode causar severos danos à vida política, uma vez que dentro dessa lógica, o cidadão pode passar a ser visto como mero espectador e não como um personagem participante que pode influenciar os processos decisórios.

Dentro dessa lógica da dramatização, escândalos políticos são fatos que têm enorme potencial para se transformarem em narrativas jornalísticas, pois seus desdobramentos podem durar um longo período de tempo, possuindo uma lógica narrativa, uma vez que o leitor precisa conhecer os fatos que fizeram irromper o escândalo, os personagens, etc. Possuem um grande potencial de conflito, pois os envolvidos terão que se defender dos acusadores, opositores e convencer a opinião pública, e geralmente trazerem à tona segredos de bastidores que antes eram guardados a sete chaves pelos envolvidos. Sem falar no valor-notícia infração, a violação e transgressão das regras, que está no cerne do escândalo político como notícia (TRAQUINA, 2005, p.85). As empresas jornalísticas criam critérios para enquadrar cada acontecimento, parâmetros chamados de valores-notícia. Fatos que obedeçam a certos padrões da cultura profissional dos jornalistas terão maior chance de serem publicados.

O escândalo é um ato que envolve uma transgressão moral capaz de suscitar uma resposta pública. Escândalos políticos são ofensas morais mais particularizadas por envolverem indivíduos que atuam dentro do campo político (THOMPSON, 2002, p.239). Grande parte das narrativas contém um fundo moral. Além disso, a própria estrutura narrativa é que faz com que os escândalos políticos midiáticos sejam acompanhados com interesse pela audiência.

Uma das razões por que os escândalos midiáticos são do interesse dos leitores e espectadores é que, para aqueles que estão presenciando o desenrolar dos acontecimentos à medida que vão acontecendo, o resultado final é intrinsecamente incerto. Devido a isso, eles alentam a especulação, e como uma boa novela, eles constantemente testam a capacidade dos leitores e espectadores de avaliar a veracidade dos protagonistas, imaginar a trama e predizer seu resultado. (THOMPSON, 2002, p.103)

Para ilustrar este estudo, serão analisadas as notícias veiculadas pelos jornais Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio, entre os dias 01 de agosto e 31 de outubro de 2004, acerca de um escândalo político ocorrido durante as eleições municipais daquele ano no Recife. O fato envolveu a disputa por uma testemunha no horário eleitoral gratuito entre os candidatos do PT e do PMDB locais. A artesã Maria

do Socorro depois de prestar depoimento acerca de uma obra da administração petista no guia eleitoral do PMDB, e em seguida desmentir seu testemunho no guia adversário, alegou ter sido espancada por homens desconhecidos, e teve seu advogado perseguido e espionado por policiais da Casa Militar de Pernambuco, instância subordinada diretamente ao governador Jarbas Vasconcelos (PMDB), configurando um possível uso da máquina administrativa para favorecer de modo ilícito seu partido.

No caso estudado, o drama narrativo aumenta pelo fato de o escândalo ter acontecido em plena eleição. Quando um escândalo político acontece durante eleições, as proporções dos acontecimentos aumentam de forma considerável, pelas próprias conseqüências dos fatos para os envolvidos, uma delas é o desgaste da imagem de determinados candidatos, dependendo do papel reservado aos agentes do campo político dentro da narrativa. Para reconstituirmos e analisarmos a estória jornalística do escândalo político é importante que seja feita uma breve explanação do contexto político, vivido em Pernambuco no momento que os fatos surgem para que seja possível conhecermos e contextualizarmos as personagens e a intriga da narrativa.

3. A Narrativa e o Contexto Político

3.1 As Peças no Tabuleiro

Uma das características da política pernambucana até bem pouco tempo atrás era lógica bipartidária. De acordo com a bibliografia sobre a política local, apesar de existirem várias agremiações políticas disputando as eleições, dois grupos conseguem polarizar as atenções e acabam reduzindo as chances de vitórias a um grupo considerado mais à esquerda e outro mais à direita. Essa lógica existe em Pernambuco desde a fase democrática pós-Estado Novo, foi mantida durante o bipartidarismo compulsório do Regime Militar, e continuou com a redemocratização na década de 80 (RAMOS, 2002, p. 61-62).

O grupo batizado de União por Pernambuco que reúne inicialmente o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), o Partido da Frente Liberal (PFL) e o Partido Progressista do Brasil (PPB) assume a hegemonia no campo de centro – direita, se contrapondo ao grupo de Miguel Arraes, então principal liderança de esquerda, quando em 1996, o grupo elege Roberto Magalhães (PFL) prefeito do Recife.

O grande líder do grupo é Jarbas Vasconcelos que derrota Miguel Arraes, considerado um mito político em Pernambuco, nas eleições estaduais de 1998, ainda no primeiro turno. Essa vitória foi possível após Jarbas desvincular-se do grupo político

liderado por Arraes e, em seguida, ingressar na União por Pernambuco. Assim, Jarbas aliava a força política que possuía na capital ao poderio das forças de direita, representadas pelo PFL e PPB, no interior do estado onde o Partido Socialista Brasileiro (PSB), liderado por Arraes, também tinha boa densidade eleitoral (RAMOS, 2002, p.186 – 188).

A primeira grande mudança na União por Pernambuco, em relação à sua configuração original, é a entrada do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) que estréia como aliado da União por Pernambuco nas eleições municipais de 2000. Com o reforço de mais uma agremiação, a Aliança, que era forte, parecia invencível, até que sofre a primeira derrota: Magalhães é derrotado na disputa pela prefeitura do Recife pelo então deputado estadual João Paulo do Partido dos Trabalhadores nas eleições municipais de 2000.

Com a chegada do PT à presidência, Lula passa a ser considerado pela imprensa como um forte cabo eleitoral do prefeito João Paulo, já considerado um líder carismático, além da facilidade de realização de parcerias feitas entre os governos federais e municipais, como no caso da polêmica obra na orla da comunidade de Brasília Teimosa, que gera o escândalo estudado nesse trabalho e acaba sendo um fator decisivo na reeleição do prefeito João Paulo. As eleições de 2004 são marcadas por conflitos e polêmicas, principalmente pelo fato de a União por Pernambuco tentar retomar o território perdido em 2000 que acirra a disputa.

3.2 O enredo

3.2.1. Situação Inicial e Complicação

O caso Maria do Socorro, na verdade, é parte de uma grande polêmica envolvendo a comunidade de Brasília Teimosa que começou com uma promessa do então recém-eleito presidente da República, Luís Inácio da Silva, em 2003. Lula prometeu um projeto habitacional para os moradores das palafitas do local, que viviam em condições precárias, e a urbanização da área. A obra começou com a retirada das palafitas e a urbanização da orla de Brasília Teimosa, uma obra feita através de uma parceria entre os governos federal e municipal. Os moradores retirados do local recebiam um auxílio – moradia enquanto esperavam a construção de novas moradias pela prefeitura. A obra passou a ser uma das vitrines da administração do prefeito João Paulo (PT), candidato à reeleição em 2004.

A disputa começou quando o guia eleitoral do candidato Carlos Eduardo Cadoca (PMDB) da coligação União por Pernambuco, veiculado no dia 20 de agosto de 2004, exibiu depoimentos da artesã Maria do Socorro, uma das pessoas removidas das palafitas, criticando a obra da administração petista. Entre as reclamações estavam a demora para a entrega das casas aos antigos moradores das palafitas e o fato de a prefeitura priorizar a urbanização da orla, para exibir as imagens da obra no guia eleitoral do PT, em detrimento da acomodação das pessoas removidas. A denúncia feita pela artesã colocava em xeque, a grande obra do prefeito João Paulo como evidenciava o título da matéria publicada pelo Diário em 21 de agosto de 2004: “João Paulo na berlinda” (LOPES, 21/08/2004).

Três dias depois, acontece uma reviravolta no caso: a mesma Maria do Socorro volta a aparecer no horário eleitoral gratuito, mas desta vez no do PT. Mostrando arrependimento, a artesã confessou que havia prestado o depoimento anterior em troca de dinheiro e ajuda jurídica para os seus dois filhos que estavam presos. Além disso, Maria do Socorro dos Santos acusou a esposa do candidato Cadoca, Berenice Andrade Lima de ter sido a responsável pelo seu aliciamento. Os dois jornais publicaram matéria sobre a denúncia o Diário de Pernambuco ressaltou o conflito entre os dois adversários e voltou a usar o termo “berlinda” no texto intitulado “João Paulo contra-ataca”, publicado no dia 24 de agosto de 2004. No mesmo dia, o concorrente Jornal do Commercio publica a matéria dando ênfase ao ato de acusar: “Frente acusa guia de Cadoca de aliciar ex-moradora de palafita”. Os valores partilhados pelos profissionais de ambas as empresas fez com que o assunto merecesse destaque, mas sob ângulos diversos.

O prefeito do Recife e candidato à reeleição, João Paulo, reuniu ontem à noite o Conselho Político da Frente de Esquerda para apresentar o que, na sua avaliação, se tratava de algo “muito grave”: uma fita de vídeo com um depoimento de uma ex-moradora de uma palafita de Brasília Teimosa – Socorro dos Santos. Em 17 minutos, ela disse ter recebido promessa de ajuda financeira e jurídica para os dois filhos presos caso falasse contra o projeto da prefeitura para Brasília Teimosa no guia de TV do prefeiturável peemedebista Carlos Eduardo Cadoca da última sexta-feira. A União pela Mudança disse, em nota, que o prefeito cria uma cortina de fumaça para não responder aos questionamentos. (JORNAL DO COMMERCIO, 24/10/2004).

Na berlinda desde a semana passada, o PT resolveu sair da defensiva, ontem à noite, e utilizar todo o tempo disponível do guia eleitoral para mostrar sua versão sobre "A verdade de Brasília Teimosa". O tema foi explorado pela coligação do prefeiturável Carlos Eduardo Cadoca (PMDB), na última sexta-feira, mas a peça publicitária petista mostrou o inverso, com um novo depoimento de Socorro dos Santos, moradora da localidade. Ela foi protagonista do vídeo cadoquista, no qual apareceu chorando e criticando a forma como as famílias de lá foram retiradas das palafitas da orla. Socorro desmentiu seu próprio depoimento, pediu desculpas e

disse ter consentido em gravar para o guia do peemedebista sob a promessa de que receberia ajuda financeira e jurídica para livrar dois de seus filhos que estão presos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24/10/2004)

O caso ganha um novo componente depois que a artesã, considerada o pivô da disputa dos dois principais candidatos à prefeitura do Recife, alega ter sido seqüestrada e espancada por três homens desconhecidos no dia 02 de setembro de 2004. Maria do Socorro dos Santos passou a viver escondida sob a proteção do Movimento Nacional dos Direitos Humanos. O caso repercutiu em matérias como “Dona Socorro denuncia seqüestro e agressão”, publicada pelo Jornal do Commercio, e “Socorro das Palafitas se queixa de Agressão” veiculada pelo Diário de Pernambuco, ambas no dia seguinte ao fato.

Já no começo da narrativa em questão, é possível perceber um elemento comum à qualquer narrativa, e que no jornalismo é mesmo um valor-notícia (TRAQUINA, 2005, p.84), ou seja, uma característica que dá ao fato maiores possibilidades de figurar no noticiário: o conflito. “O Conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambientes, idéias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor” (GANCHO, 1007, p.11), um elemento primordial da narrativa, seu elemento estruturador que permite ao receptor compreender, o início o meio e o fim. Para Motta (2005, p.41), o conflito é o elemento estruturador fundamental das narrativas, em particular a jornalística, assentada em rupturas, descontinuidades e anormalidades. O relato jornalístico nasce da ruptura de algo, trazendo o conflito e conseqüentemente a notícia. Todavia, o próximo acontecimento é que instaura o confronto e a intriga da narrativa, e organiza as personagens em blocos dentro da estória.

A primeira parte pode ser considerada a situação inicial da narrativa, tomamos essa parte do começo das Eleições até o momento em que Maria do Socorro figura no guia eleitoral do PT. No jornalismo, a narrativa geralmente acontece com um fato que demarca uma ruptura, um acontecimento com carga negativa, ou seja, a estória começa pelo seu clímax, pelo seu ponto máximo de tensão. Contudo, no caso pesquisado aqui, por se desenrolar dentro de um período de eleição, a narrativa começa de forma mais tranqüila, o acontecimento que representará a ruptura de forma decisiva, sendo o clímax da narrativa, até pelo fato dos meios de comunicação terem conseguido provas concretas acerca do ocorrido, é a perseguição do advogado de Maria do Socorro por policiais que faziam a segurança do governador do Estado. Essa peculiaridade fez com

que fosse seguida a ordem proposta por Gancho (1997) em detrimento da proposta por Motta, que é mais apropriada para narrativas jornalísticas, mas é importante lembrar que o caso estudado aqui é uma exceção.

A segunda parte ou a complicação (GANCHO, 1997, p11) é quando surgem os conflitos da narrativa, no caso estudado, resolvemos demarcar o começo do conflito a partir da aparição da Artesã no guia eleitoral do candidato petista João Paulo até o surgimento do ponto considerado o clímax da estória. É bom ressaltar que quando nos referimos a conflitos, estamos nos referindo ao conflito da narrativa, que gira em torno das obras de urbanização da comunidade de Brasília Teimosa e dos depoimentos de Maria do Socorro. É óbvio que já existia um conflito político-eleitoral entre as partes envolvidas, e que esse conflito é constitutivo do conflito central da narrativa, porém uma situação de conflito político dentro de uma eleição pode ser considerada estável, e não uma ruptura.

3.2.2 O Clímax e a Intriga

No dia 17 de setembro, com a publicação na grande imprensa de uma perseguição, no dia anterior, ao advogado que acompanhava o caso de espancamento de Maria do Socorro, Dominici Mororó, feita por policiais da Casa Militar do Governo Estadual, politicamente alinhado à candidatura de Carlos Eduardo Cadoca, é que se configura o escândalo político. A possível participação de indivíduos ocupando cargos eletivos importantes em determinados acontecimentos potencializa a publicação de uma notícia, nesse caso, o fato de o acontecimento ser uma suspeita de abuso de poder agrega ainda mais valor à notícia. Os dois jornais pesquisados veicularam a notícia. O Diário de Pernambuco publicou o fato na matéria “PMs detidos ao seguir advogado de Socorro” (LOPES E NUNES, 2004), mas sem o privilégio de figurar na primeira capa. Contudo, o Jornal do Commercio ofereceu uma cobertura mais ampla, colocando o fato como manchete no dia de sua publicação. A matéria “Policiais da Casa Militar do Estado flagrados em espionagem” frisa, logo na abertura, as atribuições dos policiais detidos durante a perseguição, deixando explícita a causa que levaria o caso a se transformar num escândalo: a ligação dos policiais com o governador do Estado.

Três policiais da Casa Militar de Pernambuco, instituição responsável, entre outras atribuições, pela segurança do governador Jarbas Vasconcelos (PMDB), foram flagrados ontem em perseguição e espionagem ao advogado Dominici Mororó, que há duas semanas acompanha o caso do suposto espancamento da ex-moradora de palafitas de Brasília Teimosa Maria do Socorro dos Santos.. (ANDRADE, 2004).

Os indícios poderiam levar a opinião pública a crer que houve uso da máquina administrativa para fazer espionagem visando favorecer o candidato apoiado pelo Governo do Estado. As declarações do Governador Jarbas Vasconcelos e do candidato Carlos Eduardo Cadoca negando qualquer conhecimento sobre o caso não bastaram para que o fato fosse esquecido pela Imprensa, causando um estrago considerável na candidatura de Cadoca, quando restavam apenas 17 dias para a realização das eleições municipais. Com sua imagem atrelada ao escândalo, Cadoca viu seu adversário, João Paulo (PT), obter uma vitória no primeiro turno das eleições municipais. A estória chega ao seu momento culminante ou de maior tensão, no qual o conflito chega a seu ponto máximo. “O clímax é o ponto de referência para as outras partes do enredo, que existem em função dele” (GANCHO, 1997, p.11). O caso analisado pode ser tomado como uma exceção dentro da narrativa jornalística, uma vez que já existia uma estória se desenrolando aos olhos do leitor dos jornais pesquisados antes do clímax, o fato analisado se constitui no ponto máximo da estória e da cobertura jornalística.

Outro ponto importante para a cobertura jornalística do fato, é que a partir desse ponto aparece um suspeito, no caso, Cadoca e os políticos que o apoiavam, uma vítima, a artesão Maria do Socorro, e finalmente possíveis heróis, João Paulo e seus aliados. Contudo, é importante ressaltar que em poucos momentos os jornalistas ressaltam um protagonista e um antagonista. Uma vez caracterizado o enredo mínimo é possível estabelecer as intrigas que constituem essa narrativa jornalística. Para isso, vamos nos apropriar do conceito proposto por Todorov:

A intriga mínima completa consiste na passagem de um equilíbrio a outro. Uma narrativa ideal começa por uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar. Disso resulta um estado de desequilíbrio; pela ação de uma força dirigida em sentido inverso, o equilíbrio é restabelecido; o segundo equilíbrio é semelhante ao primeiro, mas os dois nunca são idênticos. (TODOROV, 2004, p.138)

Temos várias intrigas dentro dessa narrativa, a primeira é quando Maria do Socorro quebra com a estabilidade da campanha e dá um depoimento desconstruindo o discurso petista sobre as obras de Brasília Teimosa, e resolve voltar atrás em suas primeiras declarações. Em seguida, a artesão alega ter sido seqüestrada por três homens, levantando suspeitas sobre o candidato da coligação União por Pernambuco, e por fim, a intriga que estabelece o clímax da narrativa, que é quando policiais responsáveis pela segurança do governador são capturados perseguindo o advogado da artesã Maria do Socorro. O equilíbrio, como veremos, é restabelecido no final da narrativa, mas nunca é o mesmo da situação inicial.

3.2.3. Desfecho, Personagens e Narrador

O desfecho da narrativa jornalística dura enquanto o fato tiver força suficiente para figurar nas páginas dos jornais, oferecendo uma boa dose de conflito ou outros valores que garantam a noticiabilidade do tema (MOTTA, 2005, p.54). O caso estudado possui um desfecho com o resultado das eleições municipais do Recife. Com a vitória de João Paulo, este passa a ser celebrado, ganhando a fama de líder carismático e grande liderança política do estado, sendo considerado a novidade política local, que demonstrava que Pernambuco se desligava dos velhos nomes ligados à luta ou ao apóia à ditadura. Ex-metalúrgico e oriundo de um partido de esquerda, o petista atingia o estrelato político, como observou a matéria “O novo líder da política pernambucana” publicada pelo Diário de Pernambuco também no dia 04 de outubro.

O prefeito reeleito João Paulo (PT) sai dessas eleições como a nova grande liderança da política pernambucana. Por duas vezes consecutivas ele derrotou os candidatos apoiados pelo governador Jarbas Vasconcelos, superando nessas disputas dois ex-governadores (Roberto Magalhães e Joaquim Francisco) e o deputado federal mais votado em Pernambuco em 2002, Carlos Eduardo Cadoca. Sua ascensão marca também o fim de um ciclo na política local: aquele no qual os principais nomes estavam cronologicamente ligados ao apoio ou à resistência à ditadura militar. Com duas vitórias seguidas, marcadas pelo inesperado (em 2000 ninguém cogitava que ele pudesse ser eleito; agora, ninguém esperava que o resultado saísse no primeiro turno), João Paulo consolida-se como o fato novo da política de Pernambuco. (SANTIAGO, 04/10/2004)

Cadoca passou a ser considerado um político sem carisma como aponta a análise da matéria “Fracasso nas urnas é explicado pela falta de um líder carismático” publicada em 04 de outubro de 2004 pelo Jornal do Commercio, além de ter sido marcado pelo escândalo político, uma vez que como nada ficou provado, as suspeitas continuaram a recair sobre o candidato da União por Pernambuco e seus aliados.

A derrota da aliança jarbista certamente está calcada em muitas justificativas. Mas, ao contrário do que esbravejam seus líderes, não pode ser relativizada como um episódio eleitoral. Em se tratando de um segundo e consecutivo fracasso – contra o mesmo adversário, e no principal colégio eleitoral do Estado – conclui-se que a aliança carece de um líder carismático, com capacidade de emergir como um nome natural nesse conglomerado de caciques e com a densidade política no Recife. (JORNAL DO COMMERCIO 04/10/2004)

O final da narrativa pode nos dar uma dimensão do funcionamento da intriga dentro da narrativa analisada. O equilíbrio foi restabelecido com a vitória de João Paulo, uma vez que houve uma transgressão, mas não culpados, os fatos nunca foram devidamente apurados e esclarecidos. Com o fim da eleição, o conflito foi gradualmente se arrefecendo, e a perseguição do advogado esquecida pelos jornais.

A partir do final, podemos perceber como os jornais se comportam em relação às personagens das narrativas jornalísticas. Todavia, antes de começarmos a analisar as personagens da narrativa em questão é importante ressaltar que a personagem é um ser fictício, responsável pelo desempenho do enredo. “Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais”. (GANCHO, 1997, p.14). Apesar dessas afirmações se referirem a personagens de ficção, a personagem jornalística deve ser tratada de forma parecida durante a análise. Para um analista as personagens habitam apenas a realidade da narrativa. Na análise, as pessoas reais são personagens, desempenhando determinado papel no drama tal como aparece no relato do jornal ou do telejornal. Dessa forma, a personagem não existe fora do discurso narrativo, mas apenas enquanto construção. (MOTTA, 2005, p.74)

Os dois candidatos envolvidos no conflito foram caracterizados apenas ao final da narrativa, talvez pelo fato de que o veredicto popular dado através do voto pudesse dar uma noção do que pensava o público do desenrolar dos fatos. Esse fato pode ter ocorrido também pela própria característica da narrativa jornalística assentada no real, o jornalista não pode prever qual será o desfecho do drama e o destino das personagens.

Outra personagem importante, que não atuou como protagonista, mas cujas ações a estória girou em torno, foi Maria do Socorro. Apenas, uma coadjuvante no começo da eleição, A Artesã colocou a comunidade de Brasília Teimosa nas páginas do noticiário de política dos jornais pernambucanos. É importante notar, que suas ações sempre serviam de base para o agir dos candidatos João Paulo e Cadoca. Ela nunca foi realmente uma protagonista, mas representou um acréscimo de interesse humano no noticiário político, não apenas políticos, mas uma pessoa do povo fazia parte do drama da disputa pelo poder.

Difícilmente, há um protagonista que encarne o bem e um respectivo antagonista que encarna as ações do mal. As narrativas jornalísticas não seguem esse modelo clássico, entretanto estão presentes um ou vários protagonistas e um ou vários antagonistas opondo-se um ao outro. “São as figuras principais que intervêm com maior frequência e mais intensidade nas transformações dos conflitos relatados, mas não encarnam uma o bem e outra o mal” (MOTTA, 2005, p.79).

Esta característica estaria ligada à própria busca da imparcialidade, um valor profissional do jornalismo. Para Wilson Gomes, essa ausência de heróis, é originada da posição do narrador-jornalista que toma para si o papel de representante do bem público

que permite a identificação como o receptor. Os dois lados estariam, assim, pelo menos na cobertura política, enredados no engano e na mentira, enquanto o jornalista seria o revelador das verdades, que usando de boa-fé, revelaria o “engano universal” que se esconde por trás das contendas políticas (GOMES, 2004, p.348). Os jornalistas assumiram esse papel explicitamente algumas vezes durante a cobertura. Como na matéria “Guia explorou drama de ex-moradores” (TOLEDO, 2004), publicada no dia 03 de outubro de 2004, pelo Jornal do Commercio. A reportagem narra como todos os candidatos se utilizaram do drama sofrido pelos moradores de Brasília Teimosa, inclusive aqueles candidatos que não estavam diretamente envolvidos na disputa sobre a verdade da obra de urbanização em Brasília Teimosa.

4. Conclusão

Como foi dito no início deste trabalho, narrar é uma experiência própria do ser humano, que expressa experiências de forma narrativa. “*Os seres humanos têm uma predisposição cultural primitiva e inata para organizar e para compreender a realidade de modo narrativo*” (MOTTA, 2005, p.7). Por isso, dificilmente, o jornalista poderá fugir do ato de narrar, principalmente em coberturas longas como a analisada aqui. Silverstone (2002:p.84), considera que as histórias de uma sociedade, sejam mitos, estórias religiosas, relatos oficiais, fazem parte da cultura dessa sociedade. E na cultura contemporânea dominada pelos meios de comunicação de massa, essas “estórias” reais ou fictícias precisam ser consideradas como parte de nossa cultura. E por isso, o autor reclama uma poética própria para as mídias.

Nossas histórias são textos oficiais: rascunhos, esboços, fragmentos, estruturas, indícios visíveis e audíveis de nossa cultura essencialmente reflexiva, convertendo os eventos e idéias tanto da experiência como da imaginação em contos diários nas telonas e nas telinhas. Sob esse aspecto, elas são nossa cultura, gostemos disso ou não, expressando as consistências e contradições da fantasia e da classificação, e oferecendo textos para que nós, suas audiências, nos posicionemos, nos identifiquemos com personagem e tom, sigamos a trama e retiremos (ou não) alguma coisa da capacidade de imitação a narrativa. (SILVERSTONE, 2002, p.81-82)

Contudo, o que assusta é carga dramática que os jornalistas misturam à informação, que na cobertura política pode fazer com que as notícias possam escapar do interesse público. Quando os jornalistas situam todos os acontecimentos do campo político dentro de uma arena de conflitos, funcionando de acordo com regras sob as quais o cidadão comum não tem qualquer influência ou mesmo conhecimento; a cobertura jornalística pode causar apatia política, uma vez que o receptor não se vê

como uma personagem da narrativa, mas como mero espectador. É preciso uma reflexão mais profunda dos profissionais do campo acerca da suas práticas, uma vez que o jornalismo ocupa um lugar central nas sociedades contemporâneas, e é o principal elo entre a política e a maioria dos cidadãos.

5. Bibliografia

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: Considerações sobre a Obra de Nicolai Leskov.** In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política.** São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197 -221.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas.** São Paulo: Ática, 1997.

GOMES, Wilson. **Transformações da Política na Era da Comunicação de Massas.** São Paulo: Paulus, 2004.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: Teoria e Análise da Narrativa Jornalística.** Brasília: Casa das Musas, 2005

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia.** Florianópolis: Insular, Editora da UFSC, 2001.

RAMOS, Roberto. **A Face de um Partido: Base Política e Comportamento Eleitoral do PFL em Pernambuco, 1985-2001.** Recife: Bagaço, 2002.

SCHUDSON, Michael. **The Sociology of News.** New York/ London: W.W Norton & Company, 2003.

SILVERSTONE, Roger. **Por quê estudar as mídias.** São Paulo: Edições Loyola: 2002

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Vol II: A Tribo Jornalística – Uma Comunidade Interpretativa Transnacional.** Florianópolis: Insular, 2005.

5.1 Jornais

FRENTE acusa guia de Cadoca de aliciar ex-moradora de palafita. **Jornal do Commercio.** Recife, 24 agosto 2004. Disponível em: http://jc.uol.com.br/jornal/2004/08/24/not_105554.php. Acesso em 05 abril 2007.

LOPES, Aquiles. João Paulo na Berlinda. **Diário de Pernambuco.** Recife, 21 agosto 2004, Política. Disponível em http://www.pernambuco.com/diario/2004/08/24/politica1_0.html. Acessado em 05 abril 2007.

JOÃO Paulo Contra – Ataca. **Diário de Pernambuco.** Recife, 24 agosto 2004, Política. Disponível em: http://www.pernambuco.com/diario/2004/08/24/politica1_0.html. Acessado em 05 abril 2007.

DONA Socorro denuncia seqüestro e agressão. **Jornal do Commercio.** Recife, 03 setembro 2004, política. Disponível em: http://jc.uol.com.br/jornal/2004/09/03/not_106970.php. Acessado em 05 abril 2007

ANDRADE, Clóvis. Policiais da Casa Militar do Estado flagrados em espionagem. **Jornal do Commercio.** Recife, 17 setembro 2004, Política. Disponível em: http://jc.uol.com.br/jornal/2004/09/17/not_108619.php. Acessado em 08 abril 2007.

DOIS depoimentos e muita polêmica. **Jornal do Commercio,** Recife, 03 outubro 2004, Política. Disponível em: http://jc.uol.com.br/jornal/2004/10/03/not_110517.php. Acessado em 10 abril 2007

FRACASSO nas urnas é explicado pela falta de um líder carismático. **Jornal do Commercio**. Recife, 04 outubro 2004, Política. Disponível em: http://jc.uol.com.br/jornal/2004/10/04/not_110609.php. Acessado em 10 abril 2007

LAVAREDA descarta erro e culpa comitê de Cadoca pela derrota. **Jornal do Commercio**. Recife, 14 outubro 2004, Política. Disponível em: http://jc.uol.com.br/jornal/2004/10/14/not_111747.php. Acessado em 12 abril 2007.

SANTIAGO, Vandek. O novo líder da política pernambucana. **Diário de Pernambuco** Recife, 04 outubro 2004. Disponível em: http://www.pernambuco.com/diario/2004/10/04/politica1_3.asp. Acessado em 12 abril 2007.

JARBAS: "Fatos precisam ser esclarecidos". **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 setembro 2004, Política. Disponível em: http://www.pernambuco.com/diario/2004/09/17/politica3_0.asp. Acessado em 08 abril 2007

LOPES, Aquiles; NUNES, Thiago. PMs detidos ao seguir advogado de Socorro. **Diário de Pernambuco**. Recife, 17 setembro 2004, Política. Disponível em: http://www.pernambuco.com/diario/2004/09/17/politica1_0.asp. Acessado em 08 abril 2007.

PT cancela agenda. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 setembro 2004, Política. Disponível em: http://www.pernambuco.com/diario/2004/09/17/politica3_1.asp. Acessado em 08 abril 2007.

SOCORRO das palafitas se queixa de agressão. **Diário de Pernambuco**. Recife, 03 setembro 2004, Política. Disponível em: http://www.pernambuco.com/diario/2004/09/03/politica7_0.html. Acessado em 05 abril 2007.

TOLEDO, Marcos. Guia explorou drama de ex-moradores. **Jornal do Commercio**. Recife, 03 outubro 2004. Disponível em http://jc.uol.com.br/jornal/2004/10/03/not_110519.php. Acesso em 08 abril 2007.